



MUNDI

CULTURA EM REVISTA

#02

junho/ 2021



LONDRES

De William Shakespeare a J. K. Rowling, uma viagem ao grande palco da Literatura Ocidental, por Lucas Zamberlan

Galápagos

Um olhar sobre o arquipélago de Darwin

Anna Kariênina

O clássico de Lev Tolstói na coluna de Milton Ribeiro

RADAR

Como entender os últimos conflitos entre Israel e Palestina

MODATECA

Todas as flores do chintz na coluna de estreia de Renata Fratton

ARTE

O que mudou após 100 anos da Semana de Arte Moderna?

CINEMA

O poder da música na Sétima Arte e o filme peruano *Winäypacha*

7

capa

Londres literária: um palco mundi
por Lucas Zamberlan

23

modateca

Todas as flores do chintz
por Renata Fratton

26

arte

Entre 1922 e 2022, tudo mudou e nada mudou
por Guilherme Mautone

30

na estrada

Galápagos
por Maria Virginia Ribeiro



38

radar

Israel & Palestina: a nova onda de conflitos
por Bruno Segatto

44

arquitetura

Brasília: vivenciá-la é preciso
por Guilherme de Almeida

53

notas em pauta

Música no cinema
por Olinda Allessandrini

61

cinema

Wiñaypacha: a eternidade
por Carla Oliveira

64

drops literários

Anna Kariênina
por Milton Ribeiro, da Livraria Bamboletras

67

ponto de vista

Vamos viajar para longe da taxaço dos livros?
por Rodrigo Tavares

69

literatura criativa

Mindinho, seu vizinho e Pai de todos
por Rubem Penz

71

750 ml

Vinhos brasileiros em estágio de desenvolvimento?
por Chay Amorim

78

bem-estar

A conexão com nossos lares em tempos de incerteza
por Florence Chechi

80

viajante casamundi

Etiópia, Luciano Pires

81

historicast

Breve história da África Suaíli
por Kelvin Silva, Guilherme Zabel, Gabriel Giacomazzi e Lucas Delwing

82

para experimentar

Berinjela Napolitana com Molho Marinara
por Uniagro

83

clube de benefícios



quem fez

TIAGO HALEWICZ

Editor da MUNDI, Tiago Halewicz é diretor cultural e sócio da Casamundi. Como viajante, conduz grupos por todos os continentes, compartilhando o seu conhecimento multidisciplinar. É autor de dois livros e já realizou curadoria e organização de várias exposições, mostras de cinema e concertos.

✉ tiago@casamundi.com.br



CHAY AMORIM

Uma das sócias da Casamundi, Chay é apaixonada por tudo o que faz evoluir. Há anos busca ferramentas e terapias de autoconhecimento. Adora estar junto à natureza e praticar atividades ligadas ao bem-estar.

Além de viajar, não abre mão dos seus momentos de relax ao fim do dia, de preferência na companhia de um bom chá ou um bom vinho. A Chay é curadora da coluna 750 ml, e ao lado da Fernanda Morassutti, da coluna Bem-estar.

✉ chay@casamundi.com.br



FLORENCE CHECHI

Flor é artista plástica, Mestre em Design, professora de design holístico e designer de interiores. Inspirada em ajudar pessoas a se reconectarem com seus espaços.

✉ florencechechi@gmail.com



OLINDA ALLESSANDRINI

Considerada uma das mais versáteis pianistas do país, conquistou vários Prêmios Açorianos pela dedicação e pesquisa sobre música brasileira e latinoamericana. Sua discografia apresenta 11 CDs solo, 14 CDs como pianista convidada e um DVD, "pamPiano", com direção do cineasta Caio Amon. Desde 2018 é responsável pela coordenação e apresentação dos recitais de música de câmara nos Festivais "Gramado in Concert".
Foto: Cristine Rochol.

✉ olindapiano@gmail.com



LUCAS ZAMBERLAN

Professor de Literatura em Língua Portuguesa, Lucas recentemente realizou pós-doutorado sobre a vida e a poesia de Felipe d'Oliveira. Foi jurado do Prêmio Açorianos de Literatura em 2018, 2019 e 2020 e do Prêmio Minuano, conferido pelo Instituto Estadual do Livro. Atualmente, leciona em instituições de ensino e pertence ao corpo docente do curso de Letras – Português (EaD) da Universidade Federal de Santa Maria em colaboração com a Universidade Aberta do Brasil.

✉ lucasdacunhazamberlan@gmail.com



THIRZA MOREIRA

Produtora executiva e revisora da MUNDI, a Thirza é relações públicas e especialista em comunicação estratégica. É ela quem lança sobre a Casamundi um olhar global, tanto na organização das atividades como no relacionamento com docentes e frequentadores. Fascinada por explorar outras culturas e apreciadora da diversidade, já desbravou diversos países. Determinada a sempre ir além, faz da literatura uma grande aliada.

✉ thirza@casamundi.com.br



FERNANDA MORASSUTTI

Curadora da coluna Na Estrada ao lado de Maria Virginia Ribeiro e da coluna Bem-estar ao lado da Chay, Fernanda sempre associou turismo e cultura ao seu trabalho. Curiosa desde cedo, já explorou os vários continentes, não deixando de conhecer intimamente o Brasil. Vivenciar novas culturas é uma paixão pessoal. Sócia e diretora comercial da Casamundi, desenha roteiros de viagem e cria produtos de turismo, incluindo as viagens dos grupos especiais da empresa.

✉ fernanda@casamundi.com.br



M. VIRGÍNIA RIBEIRO

Maria Virginia Ribeiro é curadora da coluna Na estrada ao lado de Fernanda Morassutti. Ela é formada em Relações Públicas e é pós-graduada em Gestão de Negócios. Trabalha com turismo desde 1994, sendo especialista em atendimento a clientes corporativos e de lazer. Entre as viagens que já fez, destacam-se quase todo o Brasil, Chile, Argentina, Peru, México, Estados Unidos, Tailândia, Jordânia, Irã, Turquia e boa parte da Europa.

✉ virginia@casamundi.com.br



MÚSICA NO CINEMA

por **Olinda Alessandrini**

Muito do que fazemos é efêmero e rapidamente esquecido, até por nós mesmos. Por isso, é gratificante ter feito algo que permanece na memória das pessoas.

John Towner Williams, compositor

O filme *Meu pai* (dir. Florian Zeller), pelo qual Anthony Hopkins recebeu o Oscar de melhor ator em 2021, suscitou inúmeras perguntas e comentários a respeito de três árias de ópera que sublinham alguns momentos: *Casta Diva*, da ópera *Norma*, de Bellini, na interpretação da inesquecível Maria Callas, com a orquestra e coro do Teatro Alla Scala de Milão regidos por Tullio Serafin, *What Power Art Thou?*, da ópera *King Arthur*, de 1691, composta por Purcell, na interpretação do contratenor Andreas Scholl, com a Accademia Bizantina regida por Stefano Montanar, e *Je crois entendre encore*, de *Les pêcheurs de Perles*, de Bizet, com Cyrille Dubois e a Orquestra Nacional de Lille, regida por Alexandre Bloch.

Não é mais possível imaginar cinema sem música. Na memória, ficam impressos alguns temas musicais que evocam cenas icônicas da Sétima Arte.

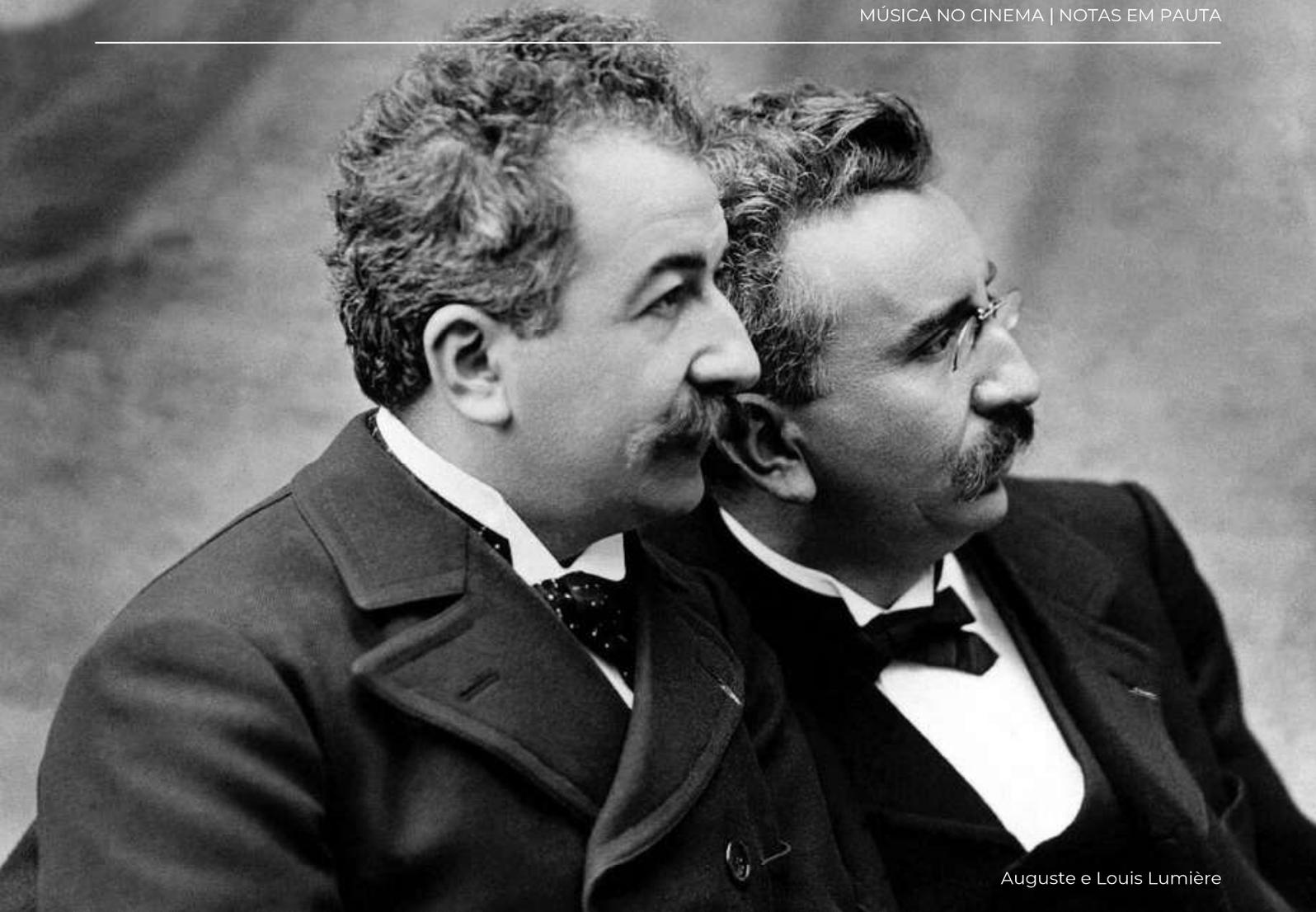
Quem não lembra a voz inconfundível de Judy Garland na sonhadora e poética canção *Somewhere over the Rainbow* (*O mágico de Oz*, dir. Victor Fleming, 1939), os guinchos eletrizantes em *Psicose* (dir. Alfred Hitchcock, 1960), a crueldade sublinhada pela *Cavalcada das Valquírias* (*Apocalypse now*, dir. Francis Ford Coppola, 1979), a insistência rítmica implacável em *Tubarão* (dir. Steven Spielberg, 1975), a amplitude do horizonte na proa do *Titanic* (dir. James Cameron, 1997), enquanto *My heart will go on* é capitaneada por Céline Dion?



E tudo começou com os irmãos Lumière

A data oficial do nascimento do cinema é 28 de dezembro de 1895, quando os Irmãos Auguste e Louis Lumière exibiram uma sequência de 12 pequenos filmes de seu cinematógrafo no Salon des Indiens, situado no número 14 do Boulevard des Capucines, em Paris.

Já no ano seguinte, no dia 8 de julho, aconteceu no Rio de Janeiro a primeira exibição de cinematógrafo, pelo italiano Francisco di Paola. Poucos meses depois, em 8 de novembro, o mesmo di Paola esteve



Auguste e Louis Lumière

em Porto Alegre, apresentando as atrações do seu equipamento no prédio nº 349 da Rua da Praia. E em 1901, no Parque da Redenção, na capital gaúcha, foram apresentadas sessões de cinema com muito sucesso, utilizando os mais variados aparelhos.

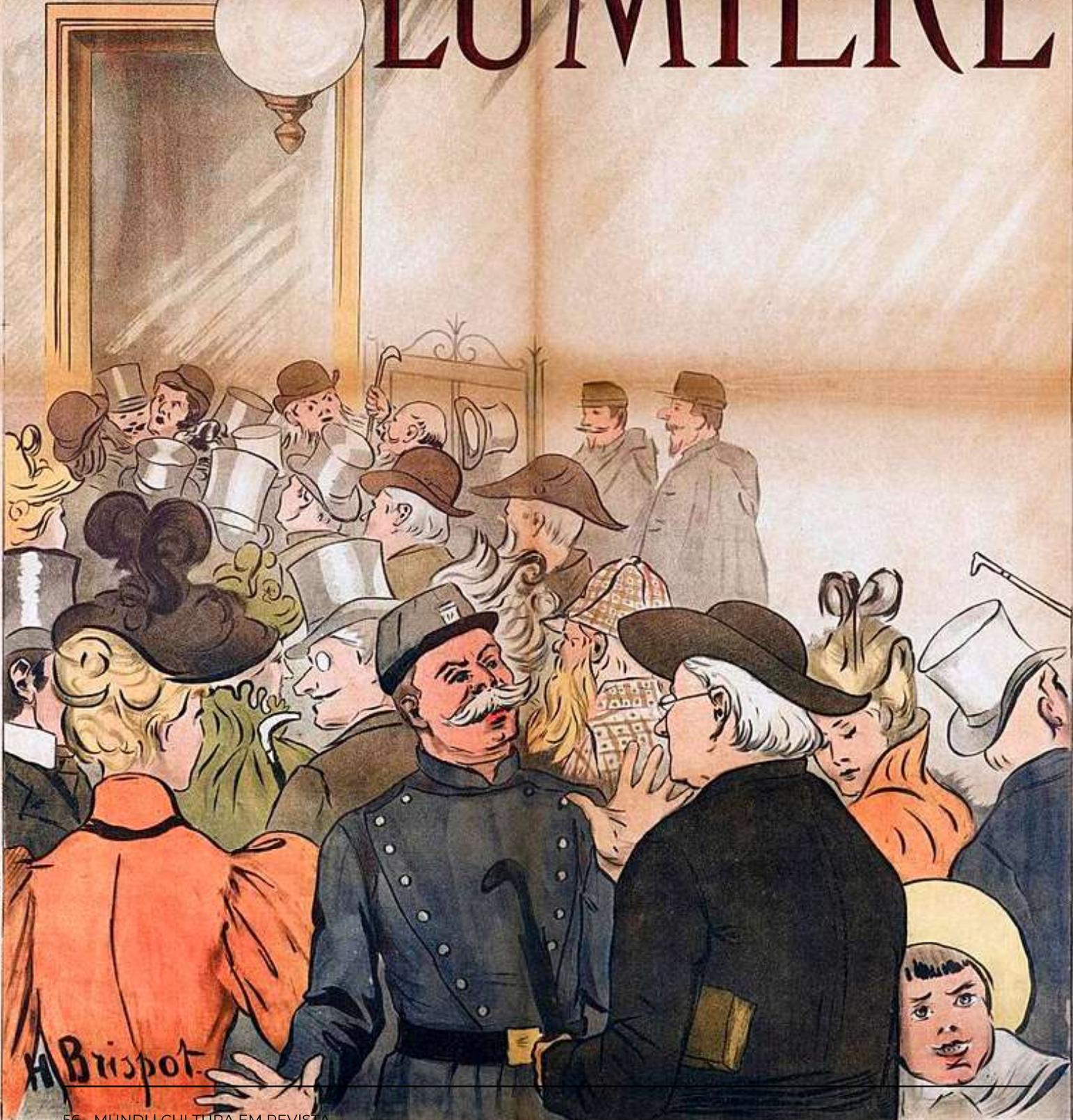
O Cinema Mudo era, a princípio, um espetáculo meramente visual, como explica o professor Aloysio de Alencar Pinto na Revista Brasileira de Música: *e muito cedo provou ser, de certa forma, um corpo sem alma. Surgiu, então, o costume de se fazer acompanhar com música a exibição das películas silenciosas. E o piano ou uma pequena orquestra de salão passaram a ser utilizados como o pano de fundo emocional, que servia para aquecer a*

assistência e criar um clima de melhor receptividade para o enredo.

Assim, a música deveria estimular a sensibilidade nas mais variadas emoções, ilustrando e reforçando a ação desenvolvida nos filmes, tornando-se o veículo mais imediato para a sensibilização da plateia. No entanto, um aspecto nada encorajador se apresentava aos músicos da época. De certo modo, estavam em constante duelo com os ruídos das máquinas de projeção ainda precárias. Ironicamente, relatos da época comentam que a música tinha exatamente “a função de amortecer o forte ruído do projetor, ou de preencher o vazio das sombras silenciosas, projetadas na parede”.

CINÉMATOGRAPHE

LUMIÈRE

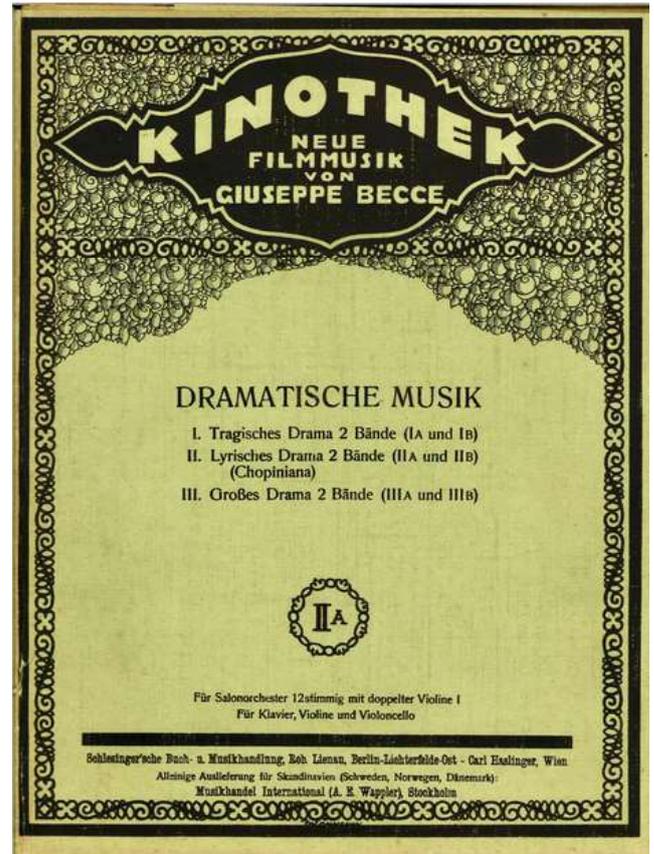


LITH. F. APPEL, PARIS

H. Brispot

Na época do cinema mudo, de cada 100 filmes, apenas quatro ou cinco tinham trilhas sonoras compostas especialmente para eles. Para o restante, a tentativa de produzir alguma síntese entre imagem e som levou ao fenômeno da “Música de Catálogo”, solução prática que, no entanto, gerava críticas impiedosas: *Entre os piores costumes está a incansável utilização de um reduzido número de fragmentos que habitualmente acompanham os filmes. Quer dizer: para uma noite de luar, a primeira frase da Sonata Clair de Lune, de Beethoven; se se trata de uma tormenta, a Ouverture de Guilherme Tell, de Rossini; se de um casamento, a Marcha Nupcial do Lohengrin de Wagner, ou de Sonho de uma noite de verão, de Mendelssohn.*

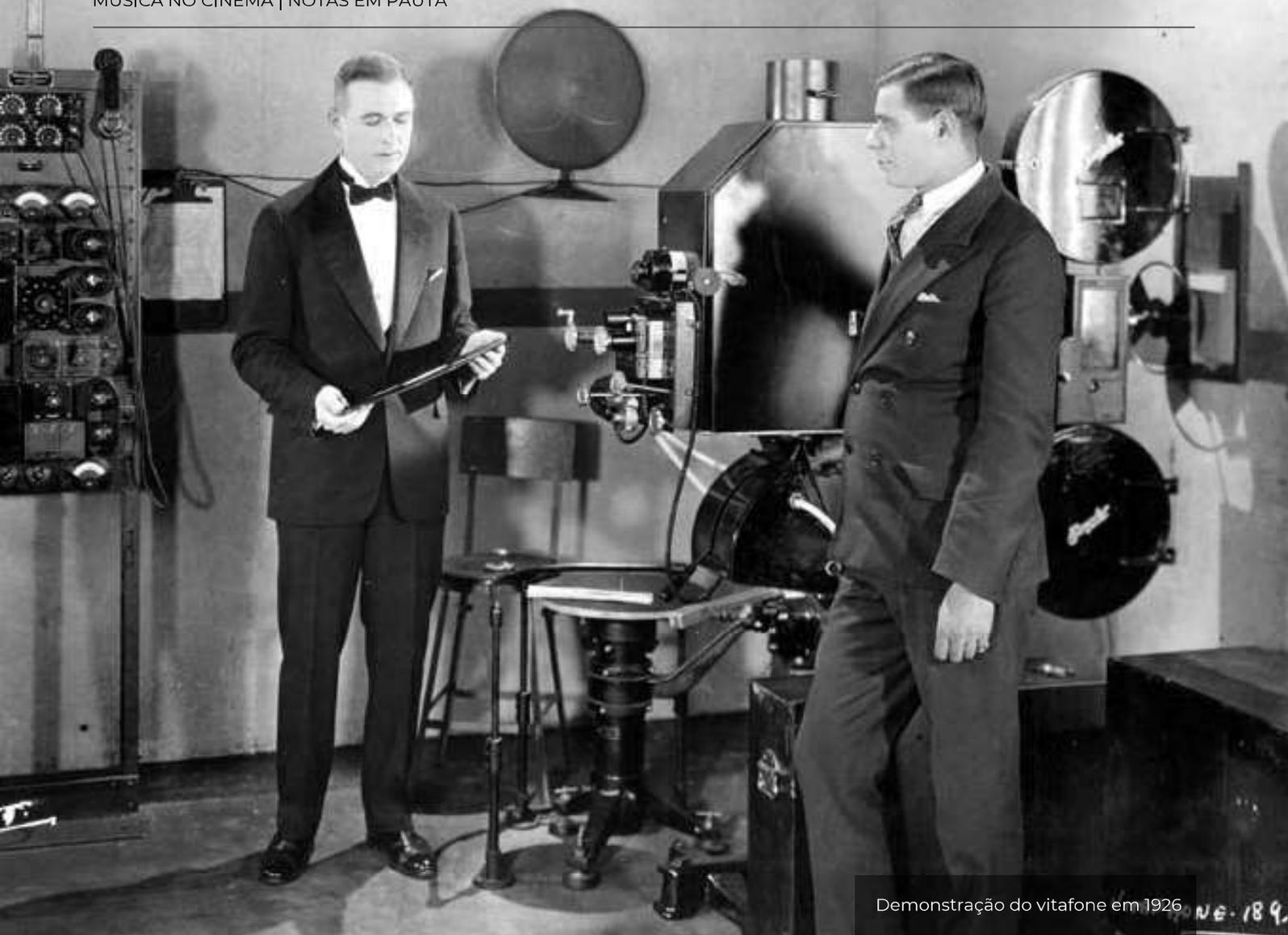
Editores de música colocaram no mercado inúmeros álbuns com coletâneas de peças curtas. As obras vinham acompanhadas de “listas de sentimentos”, o que facilitaria a escolha para o acompanhamento dos filmes. Nomes como Kurt London, Giuseppe Becce, Willy Kahl, assinavam estas sugestões, acrescentando composições próprias. Compositores como Tchaikovsky, Chopin, Schubert e Wagner apareciam ao lado de ilustres desconhecidos, com o objetivo de relacionar imagem – emoção – música. As obras apareciam fragmentadas, além de ficarem rotuladas a estas situações. Mas é inegável que o interesse do público pela música erudita foi, deste modo, muito estimulado.



Kinothek

Em pesquisa realizada em Novo Hamburgo, tive acesso a uma *Kinothek*, coletânea de partituras em oito volumes, denominada *Neue Film Musik* (Nova música para filmes), assinada por Giuseppe Becce, um ítalo-alemão que se estabeleceu em Berlim a partir de 1906. Contém no total 57 obras, e foi editada especialmente para acompanhar filmes silenciosos. Esta coleção apresentava partituras para formações variadas, como Trio, Quarteto com piano, orquestra de salão e para grande orquestra.

Além de músicas especialmente criadas por Becce, também são adaptadas obras do compositor



Demonstração do vitafone em 1926. NE-189.

Frédéric Chopin. Mestre consumado na linguagem musical do romantismo, sua música facilitava a identificação imediata do público com as imagens na tela. Quase toda a série dos 24 Prelúdios de Chopin foi utilizada por Becce, relacionando a música a atmosferas emotivas dos filmes. Assim foram relacionadas sugestões musicais a momentos de dor, sofrimento, alegria, expectativa, inquietude, paixão, desespero, luto, ambiente leve, misterioso, sombrio ou trágico, bem como cenas de amor, fugas assustadoras, emergências, incêndios.

Assim também, em outras coletâneas, como *Kinomusik*, encontramos músicas

específicas para cenas circenses, batalhas, tempestades em alto mar, momentos junto a um enfermo, convalescença, danças apaches e uma infinidade de outras alternativas sonoras capazes de traduzir emoções.

Vitafone

Um dispositivo maravilhoso conhecido por 'vitafone', que sincroniza o som com as imagens de um filme, entusiasmou uma distinta assistência no Cinema Warner durante a sua apresentação inicial, ocorrida na última quinta-feira à noite, informava a seus leitores o

New York Times de 7 de agosto de 1926. A reprodução natural das vozes, as qualidades tonais dos instrumentos de música e a simultaneidade da audição dos sons com a observação dos movimentos labiais ou os movimentos dos músicos que os emitem era quase sobrenatural... O futuro deste invento é ilimitado.

O filme em questão ainda não era um "sonoro" de longa metragem, mas, sim, uma seleção de curtas metragens que incluíam alguns trechos falados, intercalados por atuações musicais: cantores, instrumentistas em pequenos grupos e até uma orquestra sinfônica.

Um ano após, a 6 de outubro de 1927, foi exibido na Broadway *O Cantor de Jazz*, do diretor Alan Crosland, considerada a primeira película sonora. Premiado pela Academia de Artes e Ciências Cinematográficas, a primeira frase escutada, *vocês ainda não ouviram nada*, tornou-se a menção profética que abriu um novo capítulo na história do cinema.

Esse episódio inaugurou o caminho para inúmeros compositores cujas vidas profissionais circulavam no âmbito do cinema. Assim, esses profissionais se especializaram em composições apropriadas para cada filme. É importante realçar que a dualidade imagem-som passa a ter suas próprias exigências.

O compositor específico para cinema, atualmente, deve corresponder às exigências objetivas do plano dramático e musical, sem levar em conta sua própria necessidade de expressar-se.

Kurt London



Ator, cantor e comediante, Al Jolson foi o protagonista de *O cantor de jazz*. Considerada a estrela mais famosa e bem paga da América dos anos 20, foi o primeiro artista a entreter as tropas americanas durante a Segunda Guerra Mundial.



Atrapalhados e incompetentes, os *Keystone Cops* foram personagens de uma série de comédias pastelão do cinema mudo

Em Porto Alegre, o talentoso jovem Radamés Gnattali era pianista de cinema. Em 1923, aos 16 anos, ganhando 10 mil-réis por dia, Radamés trabalhava no Cine Colombo, animando as fitas de cinema mudo. Anos mais tarde, o músico tornou-se um dos mais importantes nomes no meio musical brasileiro. Também o conhecidíssimo compositor Ernesto Nazareth tem sua história ligada à “grande tela”. Por várias vezes tocou nas salas de espera do Cinema Odeon, no Rio de Janeiro. De acordo com Aloysio Alencar Pinto, a presença de Ernesto Nazareth no Odeon tornou-se acontecimento significativo para a vida musical da cidade. Havia muita gente que comprava o ingresso e, em lugar de entrar nas salas de projeção, ficava

ali, junto do estrado, a ouvi-lo tocar horas a fio. Até o genial Villa-Lobos ganhava a vida tocando violoncelo, com colegas, em um cinema da Av. Rio Branco, na capital fluminense. *Eles acompanhavam a ação, um galopar rápido quando os homens de Keystone perseguiram um criminoso, uma balada de cortar o coração quando a mãe vinha sentar-se à cabeceira de seu filho doente.*



Agora, abra o aplicativo do Spotify, aponte a câmera para o código abaixo ou [clique aqui](#) para curtir uma *playlist* com clássicos da música para cinema.



EDITOR

Tiago Halewicz

PROJETO GRÁFICO E EDITORIAL

Tiago Halewicz

Thirza Moreira

EQUIPE EDITORIAL

Chayenna Amorim

Fernanda Morassutti

Thirza Moreira

Tiago Halewicz

REVISÃO E PRODUÇÃO EXECUTIVA

Thirza Moreira

COLABORADORES

Bruno Segatto

Carla Oliveira

Fernanda Dora

Gabriel Giacomazzi

Guilherme de Almeida

Guilherme Mautone

Guilherme Zabel

Kelvin Silva

Lucas Delwing

Milton Ribeiro

Olinda Allessandrini

Renata Fratton

CAPA

Tiago Halewicz

Foto: Pixabay

IMAGENS

Pixabay, Unsplash, Getty, Creative Commons e arquivos pessoais

ASSINATURA

cultura@casamundi.com.br



 cultura@casamundi.com.br

 [+55 \(51\) 99151-6885](tel:+55(51)99151-6885)

 facebook.com/casamundicultura

 [@casamundicultura](https://www.instagram.com/casamundicultura)

 www.casamundi.com.br/cultura